
#OCUPAISERJ¹:
ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DO
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

#OCCUPYISERJ:
COMMUNICATION STRATEGIES OF THE MOVEMENT OF OCCUPATION OF THE HIGHER
EDUCATION INSTITUTE OF RIO DE JANEIRO

#OCUPAISERJ:
ESTRATEGIAS DE OCUPACION MOVIMIENTO comunicacional LA UNIVERSIDAD DE RIO DE
JANEIRO EDUCACIÓN

*Andréa Villela Mafra da Silva*²
*Keite Silva de Melo*³

RESUMO

O artigo se propõe a apresentar a percepção de três alunas, oriundas dos segmentos do ensino médio e ensino superior, sobre o movimento de ocupação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj). O método utilizado neste texto, de cunho qualitativo, está fundamentado em entrevistas individuais que foram realizadas por meio de questões semiestruturadas, configurando um estudo de caso. Enquanto mobilização estudantil do Iserj, a ocupação é uma ação político-educacional que emerge dos alunos, como medida de enfrentamento às políticas do governo do Estado do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2016. Concluímos que durante a ocupação do Iserj o protagonismo dos estudantes desenvolvendo atividades culturais, somados à autogestão discente, superou as expectativas diante da complexidade deste movimento em que coabitaram alunos de segmentos distintos. Ademais, trouxe à comunidade do Iserj novas aprendizagens por meio das assembleias e decisões coletivas que, de alguma forma, contribuíram com o ativismo político dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento de ocupação. Autogestão discente. Ativismo político. Políticas Educacionais.

ABSTRACT

The article proposes to present the perception of three students, from the high school and higher education segments, about the occupational movement of the Higher Institute of Education of Rio de Janeiro (Iserj). The method used in this text, with a qualitative character, is based on individual interview that were carried out, through semi-structured questions, forming a case study. The occupation as student mobilization of Iserj is a political-educational action that emerges from the students as a measure of coping with the policies of the Government of the State of Rio de Janeiro in the first half of 2016. We conclude that during the occupation of

¹ A adoção do símbolo # (cerquilha) à esquerda de uma palavra ou expressão compõe uma *hashtag*, ou seja, uma etiqueta de metadados com a palavra ou termo de relevância que se deseja propiciar rápida localização nas diversas redes sociais.

² Doutoranda em Educação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professora do Ensino Superior - Fundação de Apoio à Escola Técnica/ Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (FAETEC / Iserj) - Rio de Janeiro, RJ. Email: av.mafra@hotmail.com

³ Doutoranda em Educação - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Email: keitemelo@gmail.com

Submetido em: 30/11/2016 - **Aceito em:** 17/02/2017.

Iserj the protagonism of the students developing Cultural activities, added to the student self-management, surpassed expectations in the face of the complexity of this movement in which students from different segments lived together. In addition, it brought to the Iserj community new learning through assemblies and collective decisions that, in some way, contributed to the students political activism.

KEYWORDS: Movement of occupation. Student self-management. Political activism. Educational policies.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo presentar la percepción de tres estudiantes, procedentes de los sectores de Educación Secundaria y Superior, en el movimiento de ocupación del Instituto de Educación de Río de Janeiro (Iserj). El método utilizado en este texto, de carácter cualitativo, se basa en entrevistas individuales que se realizaron a través de preguntas semiestructuradas, la creación de un estudio de caso. La ocupación como la movilización de los estudiantes de Iserj es una acción política y educativa que surge de los estudiantes como medida para hacer frente a las políticas del Estado de Río de Janeiro en la primera mitad de 2016. Se concluye que durante la ocupación de Iserj el papel de los estudiantes en desarrollo actividades culturales, añaden a la autogestión de los estudiantes, superaron las expectativas debido a la complejidad de este movimiento en el que cohabitaba estudiantes de los diferentes segmentos. Por otra parte, traído comunidad Iserj nuevo aprendizaje a través de reuniones y decisiones colectivas que, de alguna manera, han contribuido a la actividad política de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Movimiento de ocupación. Estudiantes de autogestión. Activismo político. Las políticas educativas.

1 INTRODUÇÃO

O movimento de ocupação⁴ pelos estudantes das escolas no Estado do Rio de Janeiro teve início em 21 de março de 2016, no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, na Freguesia, na Ilha do Governador, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (Sepe)⁵ publicou nota oficial comunicando que a ocupação era uma forma de protesto que tinha como motivação a reivindicação por melhores condições na educação, apoio à greve dos professores e contra o autoritarismo da direção da escola e da Secretaria Estadual de Educação (Seeduc).

A partir da iniciativa estudantil no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, no período entre abril e junho de 2016 mais de 70 escolas no Estado do Rio de Janeiro foram ocupadas em defesa de uma educação pública de qualidade e como instrumento de denúncia sobre a degradação da educação pública no Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Kavada (2015) associa o processo de ocupação a uma forma de se manifestar, inspirada no “Movimento das Praças”, iniciado na Primavera Árabe, em 2011. As semelhanças se dariam por meio da ocupação do espaço público, a descentralização de liderança, o investimento na inclusão e aposta na democracia.

⁵ Disponível em: <http://seperj.org.br/ver_noticia.php?cod_noticia=6808>. Acesso em: 8 out. 2016.

O Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, representado no movimento *Ocupa Mendes*, reivindicava melhorias na estrutura da escola, apoio à greve dos professores e repúdio aos cortes de verba para a educação. Os estudantes que participaram do *Ocupa Mendes* enfrentaram a direção da escola que, insatisfeita com a mobilização, impossibilitou assembleias no auditório do colégio e acionou o Conselho Tutelar e o Ministério Público⁶. Sobre a greve dos professores desencadeada simultaneamente às ocupações, as reivindicações da categoria se referiam à necessidade de reajuste salarial, ao fim dos atrasos no pagamento e à insatisfação em relação ao não recebimento do 13º salário. Outra questão da pauta de greve dos professores se direcionava ao projeto de lei, enviado pelo governador Luiz Fernando Pezão à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, que altera o regime previdenciário dos servidores estaduais. Trata-se de onze medidas do Poder Executivo para sanar o déficit nas contas públicas que incluem, no que se refere ao regime previdenciário, a elevação da contribuição dos servidores estaduais, de 11 % para 14%.

O movimento de ocupação pelos estudantes das escolas no Estado do Rio de Janeiro – iniciado no primeiro semestre de 2016 – é retomado a partir de uma nova organização de ocupações (conferir matéria do *Jornal Extra* de 25/10/2016)⁷. Possivelmente inspirado no primeiro movimento de ocupações, a segunda iniciativa dos estudantes incluía também algumas universidades públicas e institutos federais.

O motivo dessas novas ocupações é a resistência contra a Proposta de Emenda à Constituição nº 241/2016 (PEC nº 241/2016) – que tramitava no Senado como PEC nº 55/2016 quando concluíamos a redação desse artigo – e busca alterar o “Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal”. A PEC nº 241/2016 busca a solução para as despesas públicas com fim de restabelecimento fiscal, usando para isso entre outras ações, o congelamento por vinte anos de concursos públicos, reajustes salariais de servidores públicos, e a limitação de gastos com saúde e educação, reduzindo o investimento hoje implantado.

A nosso ver, a PEC nº 241/2016 é a materialização da destruição dos direitos sociais conquistados pelas lutas dos trabalhadores na Constituição de 1988. Isto é, uma política de

⁶ Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/03/22/alunos-ocupam-escola-estadual-no-rj-pm-esta-no-local.htm>>. Acesso em: 8 out. 2016.

⁷ Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/educacao/colegios-federais-do-rio-estao-ocupados-contramedidas-de-temer-20350236.html?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=Extra>. Acesso em: 8 out. 2016.

austeridade que congela por 20 anos os gastos com saúde e educação e por outro lado beneficia as agências financeiras que continuarão negociando suas dívidas públicas. Diante dessa ofensiva, as ocupações nas escolas fluminenses se consolidaram como movimentos de resistência contra as medidas do atual governo.

Em nota pública do Fórum Nacional de Educação, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) se manifestou contra a PEC nº 241/2016 por entender que esta “propõe profundo e intenso ajuste sobre as despesas correntes da União – com reflexos nos demais entes federados”, inclusive inviabilizando “as principais metas da lei nº 13.005, que trata do Plano Nacional de Educação (PNE) para a década de 2014 a 2024.” (ANPED, 2016, s/pág.).

A pauta de reivindicações e insatisfações dos alunos e alunas participantes das ocupações nas escolas fluminenses se expandiu além da medida PEC nº 241/2016 contra o projeto Escola sem Partido (projeto de lei do Senado nº 193/2016), proposta que prevê o cerceamento nas salas de aulas brasileiras de discussões no campo político e a exclusão de debates sobre gênero, raça, sexualidade e religião nas escolas. O Escola sem Partido parte da ideia de que há na escola brasileira a “prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdos ou a realização de atividades [em] conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes.” (BRASIL, 2016b, s/pág.). Isto é, esse projeto pretende instituir como norma que as discussões sobre gênero, raça, sexualidade e religião sejam cerceadas nas escolas. Do nosso ponto de vista, trata-se de um retrocesso por restringir os conteúdos de ensino, além de dificultar o pluralismo de ideias no âmbito educacional. A mobilização estudantil se manifestou contra esse projeto que ameaça a democracia, na medida em que busca controlar os processos pedagógicos.

Essa configuração de mobilização estudantil, por meio de ocupações, tem ocupado as agendas de negociação com os gestores, tendo em vista que desde o ano de 2013 vem se firmando como modalidade de reivindicação, das demandas discentes e, de modo geral, de toda a comunidade escolar, ainda que essa nem sempre se vincule às ocupações. No contexto das reivindicações dos estudantes, as questões associadas ao Programa Universidade para Todos (Prouni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), a merenda escolar e o pagamento dos funcionários terceirizados, entre outros temas, têm sido pautas dos movimentos de ocupação.

#Ocupalserj

O Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj) tem origem na primeira Escola Normal criada no Rio de Janeiro com o nome de Escola Normal da Corte. Foi inaugurada em 5 de abril de 1880 e passou a funcionar no Imperial Colégio Pedro II. Em 1888, a Escola Normal da Corte viu-se transferida para o Largo de São Francisco e, no mesmo ano, para o prédio da atual Escola Rivadavia Corrêa, onde permaneceu até 1914. A seguir, foi transferida para a Escola Pedro Varela, na rua Joaquim Palhares, demolida há alguns anos devido às obras para a construção da estação de metrô do Estácio.

Durante a administração do prefeito Prado Júnior (1926-1930), no ainda Distrito Federal, foi construída a nova Escola Normal, em uma grande área existente na rua Mariz e Barros, próximo à Praça da Bandeira. O novo prédio foi inaugurado em 1930. Em 1932, sendo Anísio Teixeira Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal, obteve do então prefeito Pedro Ernesto, através do decreto nº 3.810, de 19 de março de 1932 a transformação da antiga Escola Normal em Instituto de Educação, abrangendo todos os graus de ensino, desde o pré-escolar até o superior, tendo como objetivo prioritário melhorar a qualidade de formação do magistério primário.

Avançando no tempo, o Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Ierj) esteve ligado até o ano de 1997 à Seeduc-RJ. Entretanto, a partir do decreto nº 23.482/1997 passou a fazer parte da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (SECT-RJ) e, no ano seguinte, transformou-se no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj), através do decreto nº 24.338/1998.

Com essas mudanças, a instituição passou a se vincular a uma mantenedora denominada Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (Faetec), vinculada à SECT-RJ (SANTOS, 2000). O prédio atual do Iserj foi inaugurado na década de 1930, mas a forma como esse evento ocorreu pode ser comparado a uma modalidade inicial de ocupação, ainda que não houvesse onipresença dos participantes:

Fernando Azevedo e Lourenço Filho sonhavam com um edifício de salas amplas, bem iluminadas, com acesso através de galerias espaçosas, para abrigar a Escola de Formação de Professores. O Prefeito Prado Júnior aplaudiu a ideia e adquiriu uma grande área existente na Rua Mariz e Barros, Praça da Bandeira, até então utilizada como entreposto de carroças para distribuição de carne aos açougues, e nela mandou construir o edifício de três andares. Em meados de 1930 o prédio estava praticamente pronto. A inauguração foi marcada para o dia 12 de outubro

de 1930. No entanto, com a Revolução surgiu a notícia de que Getúlio Vargas estava vindo com tropas revolucionárias do Sul do Brasil, procurando um lugar para se aquartelar no Rio de Janeiro. **Temendo perder o novo prédio, diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos se uniram em mutirão e às pressas fizeram a mudança da Escola Pedro Varela, no Estácio, para o novo prédio da Rua Mariz e Barros, nº 273.** (ISERJ, 2016, grifo nosso).

Assim, podemos concluir com base em tais fatos históricos que a ocupação de um prédio escolar por sua comunidade, com o intuito de proteger a sua função principal (oferecer educação de qualidade) já tinha dado os primeiros passos na primeira metade do século XX. Tratava-se de um enfrentamento ao poder público, para que o prédio pudesse garantir o feito para o qual foi construído: formar professores. Embora houvesse apoio político e adesão da maioria da comunidade escolar, era um prenúncio de resistência para garantia de um direito conquistado: educação pública gratuita.

No contexto das ocupações recentes⁸, somente no início do mês de maio de 2016, alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio ocuparam o Iserj. Logo em seguida, em uma assembleia de alunos do ensino superior no mês de maio, com a presença de professores desse segmento e representantes dos alunos ocupantes dos outros segmentos, os alunos do curso de pedagogia se vincularam ao movimento de ocupação e aderiram à luta iniciada pelo ensino fundamental e médio.

O Iserj, uma das maiores unidades de ensino da Faetec, através das ações de estudantes e professores de vários segmentos (que apoiaram a ocupação), protagonizou manifestações de protesto na rua e dentro da escola. De forma resumida, ao se apropriarem do espaço físico da escola, os estudantes do Iserj desenvolveram ações de organização e estabeleceram uma pauta de reivindicações que inclui críticas sobre os processos de terceirização, controle e avaliação dos serviços prestados pelo Estado do Rio de Janeiro.

⁸ O movimento de ocupação pelos estudantes das escolas no Estado do Rio de Janeiro de 2016 não teve adesão imediata no Iserj. O movimento iniciou-se em algumas unidades da Seeduc em março de 2016, e a primeira unidade da Faetec a aderir ao movimento foi a E.T.E. Helber Vignoli Muniz, de Bacaxá (Saquarema, norte do litoral fluminense, região conhecida como Região dos Lagos). Em seguida, estudantes de diversas unidades foram aderindo ao movimento, como as escolas técnicas estaduais: Juscelino Kubitschek, João Barcelos, Oscar Tenório, Visconde de Mauá, Adolpho Bloch, Santa Cruz, além da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (Faeterj) e do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (Isepam).

A pauta de reivindicações⁹ dos estudantes que ocuparam o Iserj apontou como problemas pontuais: (a) pagamento do salário atrasado dos funcionários terceirizados; (b) aumento do número de inspetores, vigilantes, funcionários da limpeza e manutenção; (c) reforma geral do prédio central; (d) melhoria na qualidade da alimentação; (e) conserto e manutenção dos laboratórios; (f) autonomia do grêmio estudantil; entre outros.

Observamos que as reivindicações dos estudantes concentraram-se no contexto da ausência de condições objetivas de funcionamento do Iserj. A forma de mobilização, otimizando a organização das informações, a divulgação de eventos, convocação de reuniões e assembleias para comunicar a situação em que se encontrava o prédio do Iserj foi digna de nota. Por meio das redes sociais, especificamente via Facebook, os estudantes divulgaram a rotina diária de ocupação. Para além da divulgação das ações cotidianas de ocupação, os estudantes solicitaram doações de alimentos, produtos de higiene/limpeza, materiais de divulgação e afins. Outro recurso utilizado foi o *blog*¹⁰ para divulgação das informações do *Ocupa Iserj*, mas o Facebook concentrou a maior parte do ativismo político.

Redes sociais e ativismo

As redes sociais são constituídas por um conjunto de **nós** interligados, com caráter flexível e dinâmico. Cada participante, página ou comunidade é um **nó** na rede (CASTELLS, 2010) e se filiam em torno de interesses comuns ou valores, assim como ocorre no espaço físico. As redes são caracterizadas pela horizontalidade na interação e os vínculos são fluídos, podendo permanecer ou se romper a qualquer momento, por isso a sua flexibilidade.

As redes sociais digitais conectam laços sociais e estes podem ser classificados pela intensidade, como fracos ou fortes. Essa dinâmica interna na rede tem resgatado a problematização de Granovetter (1973 apud MARTINO, 2015), em sua teoria da rede. Os laços sociais interferem diretamente na propagação das mensagens e no estabelecimento de contato. Os laços fortes podem incluir os melhores amigos, familiares e outros laços que demonstrem maior proximidade e intimidade. O volume de contatos de laço forte é reduzido, enquanto os contatos de laços fracos (conhecidos e pessoas mais distantes, sem vínculos emocionais significativos) são, na maior parte das vezes, muito expressivos. Na

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaiserj/photos/?tab=album&album_id=134869660254743>. Acesso em: 25 out. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://pedagogiaiserj.blogspot.com.br/2016/07/ocupa-mais.html>>. Acesso em: 8 out. 2016.

teoria de Granovetter (1973 apud MARTINO, 2015, p. 69), esses laços fracos possuem mais importância no funcionamento da rede devido ao seu quantitativo, “aumentando a amplitude de divulgação de dados existentes nesse tipo de contato.”

Segundo Martino (2015), nas redes sociais, os laços fracos funcionam como pontes entre pessoas, ainda que sejam socialmente distantes. Eles aumentam o círculo de relacionamento e propiciam a circulação de informações com maior alcance e propagação. “Exatamente por não estarem diretamente envolvidos no processo, sua percepção de novidades é maior e, portanto, a chance de lidarem com uma informação nova e a colocarem em circulação é maior.” (p. 71).

Castells (2010, p. 445) compreende que a importância dos laços fracos nas redes expande a sociabilidade, ultrapassando o autorreconhecimento e expandindo limites sociais. Ainda que sejam considerados laços fracos, o autor lembra que são capazes de “gerar reciprocidade e apoio”.

Os laços sociais nas redes digitais podem ser instaurados inicialmente no ambiente virtual e constituírem-se também no ambiente físico. De acordo com Castells (2010), não há separação entre o real e o virtual, já que construímos nossa realidade por meio da virtualidade, que emerge da nossa comunicação através de símbolos que, por sua vez, possuem atribuição semântica própria e viabilizam a interação dos sujeitos em qualquer espaço-tempo. Por esse motivo, uma comunidade ou grupo ativista pode manifestar-se no espaço físico e virtual de modo **síncrono** ou **assíncrono**¹¹, sem que haja contradição, mas com possibilidade de alteração da dinâmica, de acordo com a especificidade do espaço e desejo dos envolvidos.

Outra característica das redes sociais é a veiculação da comunicação de grupos que anteriormente não tinham maiores oportunidades de comunicação. Castells (2010) associa essa potencialidade por meio das redes a uma possibilidade de reverter os jogos tradicionais de poder: “É como se o simbolismo do poder embutido na comunicação frente a frente ainda não tivesse encontrado sua linguagem na nova CMC¹².” (p. 446). Com isso, a internet e as redes sociais têm potencializado novas formas de organização e mobilização.

¹¹ O modo síncrono se refere ao envio e recepção simultâneos de mensagens textuais e/ou imagéticas; o assíncrono é quando as mensagens textuais e/ou imagéticas ficam disponibilizadas no espaço virtual e são acessadas em tempos diferentes, ou seja, não ocorrem simultaneamente.

¹² Comunicação global mediada por computador.

As mobilizações e o ativismo político nas redes sociais têm possibilitado maior alcance na difusão das informações e, em decorrência, promovem ações de mobilização para reivindicar mudanças sócio-políticas no país. Em relação ao Iserj, não é casual que a adoção das redes sociais ampliou os protestos e manifestações instaurados no presencial, hibridizando-se os espaços-tempos onde ocorriam a comunicação e articulação entre os envolvidos e destes com a comunidade escolar.

Na relação entre o movimento de ocupação dos estudantes do Iserj e o uso das redes sociais para divulgação das informações, vale destacarmos a portabilidade dos aparelhos sem fio e conexão à internet que possibilitam participação ativa dos sujeitos nas discussões presentes nos ambientes virtuais. A mobilidade proporcionada por celulares *smartphones*, *tablets* e *notebooks* garantiu maior liberdade para participar de discussões em qualquer lugar e a todo o momento. Há uma crescente democratização das informações compartilhadas via *web*, potencializada pela conexão móvel. Segundo Santos (2015, p. 141):

As pessoas podem publicar rapidamente, com facilidade, podem ser encontradas, lidas, e outras pessoas podem reagir aos seus conteúdos. A web 2.0 não se baseia na distribuição de informação própria dos meios de massa do século 20, de uma pessoa para uma massa de muitas pessoas. É uma questão de tentar engajar uma audiência e ouvir o que ela tem a dizer. Por isso, a web 2.0 funciona somente com base na participação e na colaboração autorais dos seus usuários.

Essa mudança de configuração das diversas mobilizações graças à adoção das redes sociais (Twitter, Facebook, YouTube, entre outros) vêm sendo acompanhada por diversos autores (CASTELLS, 2006, 2010; JURIS, 2012; BOULIANNE, 2015; THEOCARIS et al, 2015; KAVADA, 2015; PRETTO, 2014) que investigam a influência das redes sociais nas manifestações e ativismo. Theocharis et al (2015) afirmam que a internet modificou a tradicional forma de se mobilizar, o que significa dizer que por meio das tecnologias digitais não há a necessidade da presença, os custos são baixos ou inexistentes e novas mídias podem agregar ainda mais valor ao ativismo, como a assinatura de petição e a redação colaborativa de textos ou cartas, por exemplo. A participação é potencializada através das redes sociais, acelerando o acesso e adesão. Assim, como os referidos autores destacam o recurso de *retweeting* (retuitar), no Twitter, para ampliar o alcance e visibilidade de um *tweet*, também no Facebook há recurso com semelhante ação na opção “Compartilhar”, que permite impulsionar determinada postagem.

Castells (2006, p. 17) explica que as redes constituem:

[...] uma grande vantagem e um grande problema por oposição a outras formas de organização social. Por um lado, são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos. Por outro lado, muitas vezes não conseguiram maximizar e coordenar os recursos necessários para um trabalho ou projecto que fosse para além de um determinado tamanho e complexidade de organização necessária para a concretização de uma tarefa.

Identificamos que essa dualidade compõe a nova configuração das mobilizações que adotam ativismo presencial e virtual. Conciliar a vantagem com intencionalidade e superar o problema indicado por Castells (2010) são polos que coexistem ao se adotar as redes digitais.

Ramírez (2016) realizou uma pesquisa comparando a apropriação dessa rede social para mobilização estudantil no ano de 2011, por estudantes da Colômbia e do Brasil (esse último, com o Ocupa Sampa). A pesquisadora concluiu que a adoção intensiva e extensiva das plataformas digitais contribuiu para uma configuração e alcance do ativismo desses dois cenários. Outro elemento comum às duas mobilizações foi a adoção da autogestão, sem uma liderança centralizada, mas com reuniões e assembleias que buscavam conciliações e decisões para os encaminhamentos das manifestações. Ao analisar o conteúdo das postagens no Facebook, a autora concluiu que:

[...] as publicações feitas pelos administradores tendem a expressar o resultado do consenso e das lutas, reivindicações e chamados próprios do movimento, enquanto os comentários se tornam uma plataforma de opinião *on-line* que em alguns casos expressa controvérsias e divergências dentro do movimento. (RAMÍREZ, 2016, p. 13).

Neste artigo apresentamos a percepção de três alunas¹³ do movimento de ocupação do Iserj, quanto à conciliação da ocupação do espaço físico do instituto e da administração da ocupação também nos meios digitais, via rede social Facebook. As três alunas foram responsáveis pela administração da página #Ocupalserj. Na análise de seus depoimentos, buscamos compreender a percepção delas sobre o ativismo em que estavam envolvidas no espaço virtual e presencial e, com isso, desvelar uma perspectiva da mobilização pelo olhar dos ocupantes.

¹³ As alunas 1 e 2 são do segmento do ensino médio, enquanto a aluna 3 é do ensino superior do Iserj.

Mobilização estudantil por meio da página #Ocupalserj

A página #Ocupalserj foi criada no dia 3 de maio de 2016 por alunos dos segmentos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. A página é pública e conta atualmente (novembro de 2016) com 2.706 curtidas, o que reflete o grande interesse em acompanhar as publicações e repercussões ali publicadas.

Em nossa análise, o Facebook foi escolhido devido à familiaridade dos alunos com essa rede e a possibilidade de ampla divulgação dos encaminhamentos dos estudantes. O objetivo da página, como consta em sua própria descrição é: “Página criada pelos alunos do #Ocupalserj a fim de compartilhar nossas experiências durante a ocupação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.”¹⁴

Isto é, seria a continuidade da mobilização ocupacional no espaço virtual. Vale observar que a linguagem virtual adotada traduz o modo específico como o movimento de ocupação do Iserj se inscreve nas redes sociais. Através da linguagem virtual, o ativismo político se constituiu ao posicionar os diversos sujeitos nas relações sociais para não só representar a realidade, como também estabelecer identidades. As práticas discursivas da mobilização estudantil do Iserj traduziram a forma como os estudantes se apropriaram ou contestaram o conteúdo das postagens. Como exemplo, apresentamos dois depoimentos que traduzem a forma como os estudantes perceberam a ocupação do Iserj:

A ocupação foi como um espelho para o mundo real, um por todos e todos por um, onde estavam pessoas de diferentes idades, lugares, classes sociais, cores, religiões juntas por um ideal: a educação. Na ocupação nós podíamos ser nós mesmos, sem repressão, nós éramos ouvidos, nós tínhamos voz, foi uma parte muito especial da minha vida que eu vou levar para sempre comigo. (Aluna 1).

A mediação da página foi uma coisa bem legal para mim porque a partir daí, da articulação de postagem, eu acabei ganhando aliados e informantes de todos os setores e segmentos. Então, foi bem legal porque o meu alcance ali dentro, embora eu seja ex-aluna, eu fiz o ensino médio de 1999 a 2001, mas somente agora na reta final do meu curso, no sétimo período, tive maior acesso a setores, segmentos que não tinha anteriormente... (Aluna 3).

Em nossas análises, destacamos as metáforas adotadas pelas referidas alunas e implícitas em seus depoimentos. A metáfora evoca imagens do que queremos que se torne conhecido, a partir da “analogia entre os elementos que parecem comuns aos objetos (o

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaiserj/?ref=br_rs>. Acesso em: 15 out. 2016.

conhecido e o ainda não conhecido) ” (MAZZOTTI; OLIVEIRA, 2000, p. 52). Os sujeitos se utilizam das metáforas tanto para criticar quanto para tornar compreensível dado objeto ou fenômeno. Segundo Lakoff e Johnson (1985), as metáforas não são uma exceção na linguagem, mas a regra, pois elas estão presentes no dia a dia, no pensamento e na ação.

Na comunicação, nem sempre nos dedicamos à transmissão de informações de forma explícita (CASTRO et al, 2004). O implícito é recurso muito utilizado na linguagem, com ou sem consciência, e transmite nossas mensagens, buscando atender às normas de conduta e convenções sociais. A adoção do implícito na argumentação pressupõe uma intenção. Do nosso ponto de vista, acreditamos que os recursos de linguagem metáforas e implícito enunciam crenças e percepções desses estudantes em seus papéis de ativistas e como administradores da página #Ocupalserj.

A metáfora que se anuncia explicitamente no depoimento da Aluna1 é “espelho para o mundo ideal”. Foi adotada pela aluna para exemplificar a sua percepção da ocupação, como uma simulação idealizada da vida adulta em sociedade: com direito à voz e sem repressão, provavelmente em referência ao cotidiano de jovens e adolescentes que se sentem silenciados (ou não atendidos em suas solicitações) e reprimidos por várias instâncias: escola, avaliação, responsáveis e outras demandas discentes.

A metáfora adotada pela Aluna 3, do curso de pedagogia, é “aliados”, em referência à maior imersão no espaço físico e maior interlocução com os funcionários da instituição. Apesar de ter cursado o ensino médio no Iserj, a aluna relatou que não possuía acesso às informações sobre as condições estruturais que foram compartilhadas propositalmente pelos estudantes da ocupação.

Ramírez (2016), Theocarís et al (2015), Pinheiro e Castilhos (2016) sinalizam para a aprendizagem conquistada nessas mobilizações por meio da liderança descentralizada. No entanto, quando a prática democrática é um fenômeno pouco familiar, pode haver estranhamento, como podemos conferir no relato desta aluna do ensino médio: “O maior desafio foi não conviver com uma hierarquia, não existia um comandante, e ter ordem num sistema deste, apenas com adolescentes [...] foi complicado, mas não impossível.” (Aluna 1).

É importante destacar a metáfora “comandante” nesse depoimento. A autogestão é desafiadora e exige responsabilização de funções e tarefas que muitas vezes são alheias aos alunos. A sensação de desamparo é própria de quem está vivenciando pela primeira vez a

liderança descentralizada (VASCONCELLOS, 2007; LÜCK, 2008), tendo que lidar com a complexidade da gestão provisória de uma instituição com considerável complexidade como o Iserj.

Ao nos voltarmos para os depoimentos dedicados à gestão da página #Ocupalserj, notamos que os desafios próprios da organização de jovens e adolescentes demandaram dos ocupantes, uma articulação muito bem definida, para que a mobilização fosse legitimada inclusive por grupos contrários à ocupação. A página no Facebook contribuiu para essa intenção, tornando as vozes ativas, constituindo-se, assim, como fonte de informação sobre a dinâmica da ocupação.

O que nos mostrou que o objetivo da página foi cumprido, na minha opinião, foi quando as pessoas contrárias à ocupação passaram a ir à página pedir informações, pois nós éramos a fonte de informações mais confiável no momento. E para que essas pessoas deixassem o preconceito de lado e reconhecessem isso, nós fizemos um bom trabalho. (Aluna 2).

A metáfora implícita no depoimento da Aluna 2 é “fonte de confiança”. Da perspectiva dessa aluna, tornar-se fonte de confiança de informação fidedigna foi importante para aqueles que estavam à frente do movimento de ocupação. O fato de se tornarem referência às pessoas que discordavam da ocupação enquanto mobilização confirmou a legitimidade das ações adotadas pelas gestoras da página.

A ocupação do espaço escolar (incluída aqui a manifestação do movimento de ocupação via ambiente virtual, na mediação da página no Facebook) não apenas garantiu aos estudantes que aderiram ao movimento, compartilharem suas ideias e intenções à comunidade escolar interessada em conhecer as demandas discentes, como também possibilitou fortalecer o sentimento de pertencimento àquela instituição. Essas conquistas não vieram sem desafios e ao enumerá-los as alunas buscaram elucidar a aprendizagem contida na superação de cada um deles:

Ocupar a escola foi, provavelmente, a coisa mais trabalhosa que eu já fiz, ocupar é cuidar de uma casa, uma casa enorme e centenária com esqueletos nos armários¹⁵ e suásticas no porão¹⁶, é cuidar da nossa casa. [...] Todos os ocupantes do Iserj sabem que a ocupação não é uma coisa fácil, que é uma medida extrema e desgastante, mas todos os ocupantes do Iserj sabem agora a força que os estudantes têm, e que somos nós que devemos e podemos lutar pelo nosso futuro. (Aluna 2).

O que eu fazia realmente na página – ou por dificuldade ou por inocência ou não ter essa malícia ainda – era de defesa dos ataques que eles vinham sofrendo pelas frentes de outros segmentos, principalmente de mães, que articuladas com responsáveis por outros segmentos, mais especificamente pelos anos iniciais, tentavam criminalizar o movimento deles, inventaram N coisas, foram N problemas que a gente teve ao longo da ocupação, que se eu não estivesse à frente disso, nas postagens [...]. E as conquistas que eu tive nesse trabalho foi justamente eles abrirem os olhos pra isso que eles vivenciam. (Aluna 3).

A metáfora “cuidar de uma casa enorme e centenária”, mencionada pela Aluna 2, busca ilustrar nesse depoimento uma associação com o volume de trabalho e responsabilidade assumidos. Enquanto isso, a metáfora implícita no depoimento da Aluna 3 é “salvação”, tornando-a, em sua percepção, a salvadora das aflições dos demais ocupantes mais jovens e inocentes.

A Aluna 3 estuda pedagogia e sua responsabilidade inclui a defesa do movimento de ocupação, além de assumir-se como orientadora dos demais alunos da ocupação, que por serem mais novos e/ou inexperientes, não anteviam possibilidades de manobras ou dúvida interpretação com a linguagem propagada nas postagens. A sua mediação na página do #Ocupalserj buscava produzir uma contrainformação midiática frente às informações disseminadas pelos grupos discordantes da ocupação.

Um dos grupos dissonantes ao movimento de ocupação também adotou a estratégia de organizar uma página no Facebook para propor a desocupação do Iserj. A página Desocupa Iserj era acompanhada por pelo menos 257 pessoas que curtiram a *fanpage* publicamente. Embora com menor visibilidade em termos de atualizações, pode ter havido um acompanhamento mais sigiloso, sob a segurança do anonimato (aberta e pública).

¹⁵ A aluna refere-se ao Museu de História Natural do Iserj. Conferir *site* disponível em: <<http://www.iserj.edu.br/conheca-o-museu-de-historia-natural-do-iserjfaetec/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

¹⁶ No porão do teatro do Iserj, há azulejos que se assemelham à suástica nazista, mas não está clara a sua origem e não há estudos que comprovem a sua relação com o partido. O prédio foi inaugurado em 1930, e em muitas culturas o símbolo é uma homenagem ao deus Sol. A constatação da existência desses azulejos vem sendo tratada como curiosidade do Iserj, quando ocorre visita ao seu projeto arquitetônico.

Segundo Castells (2010, p. 448), “a informalidade, espontaneidade e anonimato do meio estimula o que chama de uma nova forma de ‘oralidade’, expressa por um texto eletrônico.”

A comunicação que ocorria nas páginas possuía marcas da oralidade, principalmente nos comentários de outros participantes nos *posts*. Em ambos os casos, o anonimato protegia muitos integrantes da comunidade escolar que seguiam as duas páginas silenciosamente, sem manifestarem sua posição quanto à ocupação ou desocupação do Iserj.

A ocupação pode ser uma mobilização trabalhosa e demandar muita disponibilidade e persistência para se manter engajado. Juris (2012, p. 273) afirma que “os ocupantes estão, com razão, cansados, na minha opinião, dos perigos da cooptação, dado o potencial de desmobilização e divisão.”¹⁷ Também na comunicação de Pinheiro e Castilhos (2016) sobre a ocupação de uma escola estadual em Porto Alegre, os desafios que surgiram para esses alunos, geralmente muito novos, demandaram capacidades que eles construíram na coletividade, com seus pares. Nesse texto, os autores descrevem que os alunos da ocupação da escola de Porto Alegre também adotaram o Facebook para promover a manifestação, reivindicações e pedidos de doações.

Os desafios do cuidado e responsabilização com o espaço físico, em mediar informações desconstruídas ou inverídicas, enfrentar as ações para desocupação, lidar com a falta de experiência dos envolvidos e manter-se engajado e atento demandam muita energia. Antevendo essas consequências e com a dificuldade de disponibilidade, os alunos do ensino superior tinham optado por uma ocupação pedagógica, com orientação, sem ocupação presencial, já que muitos não poderiam ocupar o Iserj de forma efetiva, como os alunos do ensino fundamental e médio.

A princípio, a votação tinha decidido por uma ocupação pedagógica até porque o Superior não teria como ocupar de forma presencial. São muitos alunos trabalhadores, alunos com família, não tinha como estar presencialmente, nem pernoitando no instituto. Então a gente acordou que seria uma ocupação em forma de oficinas, em forma de orientação aos alunos, um apoio de uma forma geral. Só que acabou que ao longo dos dias, das semanas que ocorreu essa votação, isso foi se perdendo. A gente não conseguiu uma grande quantidade de apoiadores do curso de pedagogia, os poucos que ficaram acabaram também não

¹⁷ Tradução livre de “*occupiers are rightly weary, in my view, of the dangers of cooptation, given the potential for demobilization and divisiveness.*”

podendo dar esse apoio, por N motivos, ficaram alguns poucos e eu fui uma das poucas que ficaram, exatamente pela minha condição. (Aluna 3).

A Aluna 3 possuía maior disponibilidade e se propôs a ultrapassar a intenção inicial de ocupação pedagógica, na medida em que verificava as dificuldades vivenciadas pelos ocupantes mais jovens. Entre uma contribuição com a limpeza e organização, ela se deparou com a necessidade de mediar a página no Facebook:

E a questão principal que vi, que tinha maior urgência era exatamente a página do movimento que acabou ficando abandonada por eles. Porque os que ficaram efetivamente na ocupação, ou não tinham tempo ou não tinham recursos, alguns não tinham internet, não tinham crédito. Outros incrivelmente ou não tinham celular, ou nem ligavam para isso. [...]. Então acabei assumindo para mim esse papel da página. Quando eu fui colocada como administradora, tinha uma galerinha já trabalhando, de forma não tão organizada, então eu acabei tomando para mim e eles não se importaram, até porque era um trabalho que eles não tinham como fazer, deixaram por minha conta. (Aluna 3).

Nesse depoimento, novamente a metáfora da salvação é enunciada implicitamente. Como ela compreende que os demais ocupantes eram desprovidos de recursos e pouco organizados, a aluna surge como quem resolverá a organização e gestão da página.

A menção de estranhamento da Aluna 3 ao fato de alguns alunos mais jovens não terem ou sequer desejarem ter um celular se relaciona a uma noção do senso comum, que vem sendo confirmada em algumas investigações (PASSARELLI; VETRITTI, 2015; MORALES, PEREIRA; KOHLS, 2015; COUTO JUNIOR, 2013), de que a maior parte dos jovens é familiarizada com os aparelhos de celulares mais modernos e as redes sociais. Segundo Passarelli e Vetritti (2015), os jovens brasileiros são um dos grupos mais conectados no mundo. As autoras apresentam uma pesquisa que anuncia que os usuários brasileiros estariam em 4º lugar no *ranking* mundial de imersão nas redes sociais.

De acordo com os resultados desse estudo, 60% dos jovens investigados checam compulsivamente suas atualizações nas redes sociais, mesmo antes de tomarem o café da manhã. Cerca de dois terços deles afirmaram ficar ansiosos ou ser dominados por uma sensação de vazio quando privados das conexões *on-line*. (p. 45-46).

Esse é um ponto sobre o qual devemos refletir. Há mesmo uma tendência à grande imersão nas redes sociais por jovens que possuem o celular e conexão, trazendo novos desafios e potencialidades. No entanto, há que se considerar que ainda existem muitos que estão excluídos dessa possibilidade. A total imersão digital dos jovens precisa ser

desmistificada. Apesar do potencial da mobilidade, a agilidade na comunicação esbarra em um relevante desafio: a massa de excluídos digitais que podemos inferir a partir do depoimento da aluna, motivo que inviabilizou a participação mais ativa dos alunos da ocupação. Essa exclusão digital pode ter contribuído para que a administração da página se concentrasse em poucos que tinham acesso, garantindo-lhes em primeira mão a repercussão das postagens. Castells (2006, p. 18) lembra que a:

[...] sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De facto, neste início de século, ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afectada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social.

Ainda há um imenso caminho a se percorrer rumo ao acesso de equipamentos e rede de banda larga disponível gratuitamente em espaços públicos, principalmente nos educacionais.

Apesar disso, para a gestão da página fazia-se necessária a conexão e mobilidade para comunicação via ambiente virtual. Santos (2015, p. 141) compreende que a:

[...] democratização da comunicação baseada na confluência dinâmica de mídias sociais abertas a qualquer pessoa em conexão móvel se consolida com as expectativas e as atuações dos usuários que nela encontram interfaces ricas em dispositivos para compartilhamento e colaboração.

Acreditamos que esse pressuposto da autora possa ser reconhecido na responsabilidade com que as gestoras da página se implicaram com essa tarefa.

Já as alunas 1 e 2, que iniciaram o trabalho de gestão da página, descreveram assim suas funções:

[...] fiquei responsável pela parte de mídia e comunicação externa, onde cuidava da página oficial do #Ocupalserj. Pode parecer um trabalho simples, porém não é, é uma parte que se deve ter muito cuidado, pois deveríamos ter muito cuidado ao postar cada imagem, cada foto de aluno, para não ofender nem expor qualquer pessoa. (Aluna 1).

A comunicação interna era basicamente manter todos os ocupantes bem informados de tudo o que acontecia, já que as coisas aconteciam com uma rapidez absurda e era difícil que as notícias chegassem atrás dos muros. A comunicação externa consistia em coordenar a página da ocupação #Ocupalserj. O nome é autoexplicativo, o objetivo era claro, manter todos informados de tudo o que acontecia. Nós respondíamos dúvidas e informávamos dos eventos que ocorreriam, postávamos informações atualizadas e tentamos tratar todos com o

máximo de respeito possível, não importando a opinião ou a agressividade do comentário. (Aluna 2).

A noção implícita nos dois depoimentos anteriores é respeito. O cuidado que é mencionado duas vezes no depoimento da Aluna 1 e a mediação resiliente indicada no depoimento da Aluna 2 convergem para o respeito ao outro, por meio da linguagem veiculada na rede social.

Cada uma das alunas compreendeu de uma forma a responsabilidade que lhe cabia na gestão da página. O cuidado com: a comunicação dos eventos, a exposição do outro, a antecipação da recepção da mensagem e a mediação respeitosa aparecem nas falas, demonstrando várias aprendizagens conquistadas com a gestão comunicativa via rede social. A mediação das publicações na página demandava que cada uma das gestoras negociasse “os significados das mensagens que recebe pensando também nas que transmite, e como vai compartilhar isso nas redes às quais pertence.” (MARTINO, 2015, p. 106).

Entre criar montagens para divulgação de eventos e responder mensagens de pessoas procurando por informações, pressão era o que não faltava. Já a paciência... Inúmeras vezes, o clima esquentou e houve discussões acaloradas, mas logo todos estavam fazendo brincadeiras de novo e prontos para mais uma discussão.

[...]

Acredito que não tenha uma maneira melhor para aprender a valorizar não só a escola, mas também os profissionais que ajudam a mantê-la em bom estado do que uma ocupação, porque para ocupar você precisa saber que a educação é uma das coisas mais importantes para que uma sociedade sobreviva; que armar o povo com pensamento crítico e conhecimento é a melhor forma de cuidar do povo, é saber que não importa o quão longo é o caminho, se ninguém começar a caminhar, ninguém chega no final. (Aluna 2).

A metáfora explícita no depoimento da Aluna 2 é: “o clima esquentou”, que está associada aos diversos problemas enfrentados pelos alunos ocupantes dentro e fora do ambiente virtual. Além disso, nessa fala está implícita a “defesa armada” e tal associação se vincula à defesa da vida da sociedade, com a “arma” educação. Sem essa defesa armada, ninguém chega ao final. Ao que parece, trata-se de uma concepção de educação que surgiu com a ocupação do Iserj e gestão da página #Ocupalserj. As pressões e dificuldades vivenciadas pelos alunos ocupantes foram conciliadas ao humor, discussões e valorização da educação e dos profissionais que nela atuam.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativismo político das três mediadoras da página #Ocupalserj, além de trazer aprendizagens duradouras, não se extinguiu com a desocupação. Ainda é possível acompanhar o seu ativismo com denúncias das condições de trabalho dos profissionais terceirizados, das condições precárias que ainda sofre a instituição e notícias de ocupações em outras escolas, institutos federais e universidades, como enfrentamento à PEC nº 55/2016 que está tramitando no Senado e ao Projeto Escola sem Partido. A manutenção da página ativa e com o espírito ativista demonstra que o engajamento não se deteve aos três meses de ocupação da instituição, mas enuncia certa durabilidade. O movimento de ocupação dos estudantes do Iserj com suas próprias demandas somou-se à pauta dos profissionais de educação que já estavam em greve desde 2 de março de 2016.

Embora houvesse convergência nas pautas, as duas modalidades de resistência (greve e ocupação) seguiram caminhos distintos, principalmente por parte dos profissionais da educação. A pauta em comum dos dois movimentos era a reivindicação da melhoria de condições de permanência e condições objetivas de atuação na mesma instituição.

A adoção da rede social Facebook pelo movimento de ocupação dos estudantes, com uma página que alcançou grande repercussão (somando-se a isso os comentários aos *posts*, compartilhamentos e curtidas), aponta para uma forma de otimizar a manifestação através das redes digitais. Vale ressaltar que, ao incluirmos os ambientes virtuais na escola, transcendemos seus muros e a comunidade imediata da instituição, nesse caso particular (o Iserj).

A mediação realizada no presencial com continuidade no ambiente virtual, ao mesmo tempo em que demanda um estado de prontidão constante por parte dos discentes com essa responsabilidade – mesmo compartilhada –, propiciou a bidirecionalidade e maior transparência nas suas ações e intenções.

É no chão da escola e na “virtualização desse chão” (como exemplo, páginas ou grupos nas redes sociais) que a democracia e a formação de cidadãos engajados devem se iniciar, evidentemente, tendo como fundamento ações com base numa reflexividade crítica e não automatizada. O protagonismo dos estudantes do Iserj desenvolvendo atividades culturais, somados à autogestão discente, superou as expectativas diante da complexidade de uma ocupação onde coabitaram alunos de distintos segmentos. Ademais, trouxe à

comunidade do Iserj novas aprendizagens por meio das assembleias e decisões coletivas e, desse modo, contribuiu com a politização dos estudantes.

No primeiro semestre de 2016, parte considerável da comunidade acadêmica do Estado do Rio de Janeiro (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Federal Fluminense – UFF, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio) convidou representantes do movimento de ocupação de diversas unidades ocupadas para compreender esse protagonismo e empoderar esses estudantes que nos renovam com uma mensagem de esperança e de engajamento político, via ativismo e autoria nas mídias digitais. Enquanto concluíamos este artigo (novembro/2016), tínhamos informação que algumas dessas universidades (PUC-Rio, Unirio, UFF/Rio das Ostras) e mais algumas unidades do Colégio Pedro II, e Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) estavam ocupadas pelos estudantes em protesto à PEC nº 241/2016 (PEC nº 55/2016 no Senado).¹

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anped). **44ª Nota Pública do Fórum Nacional de Educação: PEC 241 que inviabiliza as metas do Plano Nacional de Educação Brasília**. Site oficial, 20 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/44_nota_publica_fne_-_contra_a_pec_241_16_final.pdf>. Acesso em: 31 out. 2016.

BOULIANNE, Shelley. Social media use and participation: a metaanalysis of current research. **Information, Communication & Society**, v. 18, n.5, p. 524-538, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2015.1008542>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BRASIL. **Proposta de emenda à constituição nº 241/2016**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=33025CCD2CC1E4B94F80A07B32EE4C5A.proposicoesWeb1?codteor=1468431&filename=PEC+241/2016>. Acesso em: 25 out. 2016a.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 193 de 2016**. Inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional, de que trata a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, o Programa Escola sem Partido. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=125666>> Acesso em: 25 out. 2016b.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Belém-Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2006. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CASTRO, Monica Rabello de et al. O conceito de montagem para análise e compreensão do discurso. **Boletim GEPEM**, Rio de Janeiro, v. 44, 2004.

COUTO JUNIOR, Dilton R. **Cibercultura, juventude e alteridade**: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook. Jundiaí: Paco, 2013.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (Iserj). **Um pouco da nossa história**. Site oficial, s/d. Disponível em: <<http://www.iserj.edu.br/principal/historia/>>. Acesso em: 25 out. 2016.

JURIS, Jeffrey S. Reflections on #Occupy Everywhere: social media, public space, and emerging logics of Aggregation. **American Ethnologist**, v. 39, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1548-1425.2012.01362.x/full>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

KAVADA, Anastasia. Creating the collective: social media, the Occupy Movement and its constitution as a collective actor. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 8, p. 872-886, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2015.1043318>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Les metaphores dans la vie quotidienne**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.

LÜCK, Heloísa. **Liderança na gestão escolar**. Petrópolis: Vozes, 2008

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha; OLIVEIRA, Renato José. **Ciência(s) da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MORALES, Ofelia Elisa Torres; PEREIRA, Eliane; KOHLS, Chirlei Diana. Juventude e mídias contemporâneas nos contextos escolar e familiar: perspectivas qualitativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 148-179. (Coleção Mídias Contemporâneas, 2).

PASSARELLI, Brasilina; VETRITTI, Fabiana Grieco Cabral de Mello. #JuventudeConectadaBrasil: literacias emergentes na sociedade hiperconectada. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 34-54. (Coleção Mídias Contemporâneas, 2).

PINHEIRO, Leandro R.; CASTILHOS, Bruno H. S. de. Experiências na escola: a participação de jovens e suas provocações. **GEPESVIDA**, v. 2, n. 1, p. 61-73, 2016. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/98/51>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

PRETTO, Nelson. Redes sociais e educação: o que quer a geração alt + tab nas ruas? **Liinc em Revista**, v. 10, n. 1, p. 344-350, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/7222923/Redes_sociais_e_educacao_o_que_quer_a_geracao_alt_tab_nas_ruas>. Acesso em: 20 nov. 2016.

RAMÍREZ, Liliana Galindo. Dinâmicas transnacionais em tempos de Internet: jovens, mobilização e apropriação do Facebook na Colômbia e no Brasil. **DESidades**: Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude, ano 4, n. 12, set. 2016. Disponível em: <<http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/v12n1PT.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SANTOS, Edméa. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, p. 134-145, jul./dez. 2015.

SANTOS, Sandra R. P. Instituto Superior de Educação. **Atualidades em Educação**, Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, ano 18, n. 77, jul. /ago. 2000.

THEOCHARIS, Yannis et al. Using Twitter to mobilize protest action: online mobilization patterns and action repertoires in the Occupy Wall Street, Indignados, and Aganaktismenoi movements. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 2, p. 202-220, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2014.948035>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

VASCONCELLOS, Celso. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

ⁱ Revisão gramatical do texto por: Mirna Juliana Santos Fonseca. Email: mirnarevisora@gmail.com